



O pensamento de Gramsci

O intelectual italiano Antonio Gramsci é a maior influência nos estudos culturais e na escola-latino-americana por ter desenvolvido o conceito de hegemonia e de resistência da cultura popular.

Gramsci acredita que a infra-estrutura (forças produtivas, relações econômicas) não era o único fator decisivo para manter a burguesia no poder. Se o controle dos meios de produção só traz vantagens para a burguesia, outras forças deveriam atuar para que as classes populares não despertassem para a revolução. Gramsci entendia que a superestrutura ideológica era o principal fator de constringimento das massas. A partir dessa idéia, ele concebeu o conceito de **hegemonia**, que foi incorporado pelos estudos culturais.

A hegemonia é a capacidade que as classes dominantes têm de manter o poder utilizando o consenso e não a coerção. Ou seja, não é utilizando a força e a violência que uma classe se mantém no poder, mas pela consenso obtido dentro sociedade civil de aprovação ao sistema de idéias e políticas defendidos por aquela classe. Gramsci entende que o aparelho responsável por esse consenso engloba escolas, igrejas, sindicatos e, principalmente a comunicação social. São os meios de comunicação – inter-relacionados com a infra-estrutura e com outros elementos da superestrutura – são os responsáveis para a expansão da hegemonia, ao dar visibilidade para acontecimentos, interpretações e idéias que dão sustentação ideológica para a classe dominante.

Por exemplo: pela interpretação gramsciniana, em uma determinada sociedade, o capitalismo é considerado um regime democrático que oferece oportunidades de crescimento devido ao empenho dos meios de comunicação em divulgar acontecimentos, entrevistar personalidades, mostrar fatos, que comprovassem essa afirmação. Você viu na aula passada que a implantação das políticas neoliberais – por mais que alterassem conquistas dos cidadãos, como a previdência pública – obteve respaldo nas sociedades civis, por um processo de divulgação, principalmente nos meios de comunicação da “necessidade” de reforma do Estado, para torná-lo mais eficiente. A imposição das políticas neoliberais não foi feita pela violência – salvo no Chile e na Bolívia – mas por um consenso fabricado por uma rede complexa, que envolveu – e muito – os meios de comunicação.

Matrizes européias: os estudos culturais

As idéias de Gramsci inspiraram outros intelectuais europeus que serviram de base também para a formulação do pensamento latino-americano.

Louis Althusser, nas décadas de 60 e 70, faz uma distinção entre o aparelho repressivo e o aparelho ideológico do Estado. O aparelho repressivo é formado pela polícia e pelas forças armadas é o encarregado da violência física, que pratica a repressão às manifestações, greves, passeatas e ocupações de terra. O aparelho ideológico é formado pelos meios de comunicação social, escolas, família, igrejas, partidos políticos e pela indústria cultural. Para Althusser, a hegemonia da classe dominante vem do controle destes dois aparelhos.

Tanto a repressão e a violência, quanto a circulação de idéias (violência simbólica) estão a serviço da ideologia dominante. Interessante lembrar que, para Gramsci, o aparelho ideológico também é violento, na medida que inibe a emancipação da classe popular.

Também durante as décadas de 60 e 70, em Birmingham, um novo grupo de teóricos se reúne para estudar as questões culturais no que seria conhecido como Escola de Birmingham da corrente dos Estudos Culturais. Dois nomes se destacam: Raymond Williams e Stuart Hall. Essa escola se opunha ao paradigma funcionalista norte-americano e revia as posições da Escola de Frankfurt: enxergava a cultura como um conjunto interligado de todas as práticas sociais (significados, valores, experiências, hábitos e rotinas). Estas práticas moldam o curso da história.

Para os estudos culturais, os meios de comunicação fazem parte da cultura e não é possível estudá-los isolados do contexto histórico, social, econômico e cultural. A comunicação social participa da reprodução e da estrutura social assegurando a coesão social e a manutenção do status quo. Para Williams, estudar a comunicação é estudar as relações entre as pessoas e o meio social.

A formação do consenso, de acordo com Stuart Hall acontece quando os meios de comunicação reproduzem os discursos dominantes, perpetuam as idéias dominantes por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos e estruturam os acontecimentos selecionados mediante esquemas ideológicos. A contribuição de Hall está no modo como esses discursos são decodificados pela audiência. Hall definiu 3 tipos de decodificação: dominante, oposicional e negociada. A decodificação dominante é o senso comum, quando a mensagem soa como legítima, inevitável. A decodificação oposicional é aquela que interpreta a mensagem de modo contrário ao hegemônico. A negociada mescla elementos das duas, num processo de contra-argumentação. Cada decodificação estaria associada a uma situação social específica. Os moradores de uma região do Brasil, por exemplo, podem tanto acolher quanto rejeitar uma produção originada de outra posição.